

Angélica de Oliveira dos Santos

Licenciada em Pedagogia (2023) pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG).

**Contato:**

<angelicadeoliveira726@gmail.com>

**Palavras-chave:**

Educação antirracista; Decolonialidade; Séries Iniciais.

**Keywords:**

Anti-racist education; Decoloniality; Initial serie.

# AQUILOMBAR-SE

## A LITERATURA NEGRO-BRASILEIRA COMO MISSÃO

**Resumo:** A literatura negro-brasileira valoriza a cultura, a identidade e os autores negros a partir das suas vivências. Nesse sentido, quando se fala de literatura negra sabe-se que há um histórico de autores que negligenciaram os saberes negros e reforçaram estereótipos racistas. A pesquisa tem por objetivo analisar a percepção de leitores em comentários publicados no site Amazon nas compras de livros infantis. A pesquisa teve abordagem quali-quantitativa. Considerando que a democracia racial difundida no país é um mito, é necessário aderir a práticas que valorizem os sujeitos negros, como a literatura.

**Abstract:** *Black-Brazilian literature values culture, identity and black authors based on their experiences. In this sense, when talking about black literature, it is known that there is a history of authors who neglected black knowledge and reinforced racist stereotypes. The research aims to analyze the perceptions of readers of children's books in comments published on the Amazon website. The research will have a quali-quantitative approach. Considering that widespread racial democracy in the country is a myth, it is necessary to adhere to practices such as literature that value black subjects.*

### 1. INTRODUÇÃO

Para escrever esta pesquisa, utilizou-se o termo *literatura negro-brasileira* (CUTI, 2010) em detrimento do termo *afro*. Para o autor, a palavra negro possui significado político, visto que a inserção do negro no meio literário favoreceu a necessidade de firmar uma literatura negra que se volta para relação do negro na sociedade brasileira, suas vivências enquanto sujeitos, memórias e aspirações.

A literatura negro-brasileira tem um viés político, de reconhecimento dos militantes que nos antecederam, de uma luta que ainda se faz necessária em nossa sociedade. Diante disso, é necessário libertar a produção do conhecimento do pensamento colonial que é tido atualmente como universal. O psiquiatra e militante negro Frantz Fanon (1925-1961), no livro *Pele negra, máscaras brancas* (2008), afirma que para mudar a sociedade é necessária a confrontação das práticas colonialistas e seus efeitos no corpo e na subjetividade das populações sujeitas a essa violência.

Considerando a importância da literatura negro-brasileira para a formação de uma subjetividade forte e positivada das crianças negras, pretende-se responder com este trabalho às seguintes questões: Qual é a importância da literatura negro-brasileira na formação da subjetividade das crianças? Como isso pode ser percebido nos comentários de compras de livros infantis em um site conhecido?

Personagens negros aparecem na literatura, frequentemente, relacionados à escravidão ou em contos folclóricos nos livros, bastante estigmatizados. A Literatura, assim como História do Brasil e Educação Artística, consta como componente curricular que deve, em especial, contemplar sistematicamente as diretrizes orientadas pela Lei nº10.639/03. Nesse sentido, a literatura negro-brasileira reforça uma identidade positivada dos sujeitos negros e traz a marca das suas histórias. Infelizmente, no Brasil, durante muito tempo não se ouvia falar

de obras literárias que privilegiassem o saber negro, a cultura negra. Segundo Duarte (2008, p. 13), "a temática negra abarca ainda as tradições culturais ou religiosas transplantadas para o Brasil, destacando a riqueza dos mitos, lendas e de todo um imaginário circunscrito muitas vezes à oralidade". A importância de abordar a literatura negro-brasileira na escola está presente na lei nº 10.639/03. Essa literatura pode amenizar as sequelas deixadas pelo racismo e resgatar as histórias dos nossos ancestrais, como se cada corpo pudesse voltar a ser ou se tornar um quilombo para enfrentar a opressão dominante que afeta e ataca seus corpos desde a infância. Ler a literatura negro-brasileira é um aquilombar-se, é dar um outro significado à negritude a partir das nossas potências negras.

É importante ressaltar que a literatura sozinha não conseguirá acabar com o racismo estrutural que é tão presente em nosso país; no entanto, ela é uma grande aliada para educadores, instituições escolares, pais e comunidade que almejam por uma sociedade mais justa e equânime, livre de preconceitos de qualquer forma. Os objetivos específicos da pesquisa são: 1) Discutir a importância dada à literatura negro-brasileira nas séries iniciais. 2) Favorecer aos alunos não-negros o reconhecimento da história do Outro e de sua alteridade. 3) Propiciar o reconhecimento de autores negros dentro do espaço escolar. 4) A partir dos comentários no site Amazon, analisar em que medida as concepções sobre a questão negra nos livros infantis está cumprindo um papel adequado. A abordagem da pesquisa se dará através de métodos mistos, ou seja, utiliza as formas qualitativa e quantitativa de pesquisa.

As obras foram selecionadas de acordo com a temática abordada neste trabalho, ou seja, obras cuja autoria fosse de pessoas negras, conscientes do racismo na sociedade brasileira e que fazem uso de sua escrita para o enfrentamento das questões raciais desde a infância. As obras selecionadas deveriam obter um número significativo de comentários e/ou obter uma boa avaliação no site de vendas Amazon.

A escolha por obras infanto-juvenis deve-se ao fato de que educadores sempre utilizaram a literatura infantil no processo de ensino-aprendizagem de seus alunos e que ao ser apagado da história os negros precisam preencher o vazio histórico causado pelo racismo. Ademais, a ludicidade, os personagens e os enredos nas histórias infantis são fundamentais para o resgate da história da África e cultura dos afro-brasileiros.

Metodologicamente, ela se desenvolveu em duas etapas: a) na primeira etapa, foram selecionadas 10 obras de literatura infantojuvenil de autoria negra que abordam a temática racial; b) a segunda etapa consistiu a verificação dos comentários no site de vendas, Amazon, para avaliar o impacto das obras na construção da subjetividade das crianças negras e a relevância das obras no combate ao racismo.

## 2. REVISÃO DE LITERATURA

É necessário ressaltar que o Brasil foi o último país a abolir a escravidão e que aos negros foi negado o direito de estudar, de escrever sua própria história. Ler obras escritas por mãos negras, sobre mãos negras é essencial para descolonização, autoestima, empatia e respeito a cada pessoa negra que sofreu e sofre práticas de desumanização desde quando foram obrigados a atravessarem o Atlântico e desembarcarem no Brasil. Segundo a escritora nigeriana Chimamanda (2019, p. 12),

*“O poder é a habilidade não apenas de contar a história de outra pessoa, mas de fazer que ela seja sua história definitiva. O poeta palestino Mourid Barghouti escreveu que, se você quiser espoliar um povo, a maneira mais simples é contar a história dele e começar com “em segundo lugar”. Comece a história com as flechas dos indígenas americanos, e não com a chegada dos britânicos, e a história será completamente diferente. Comece a história com o fracasso do Estado africano, e não com a criação colonial do Estado africano, e a história será completamente diferente.”*

A literatura possui um papel importante na formação de pessoas humanas, abrindo, assim, possibilidades de aquisição de novos conhecimentos. Infelizmente, no Brasil, durante muito tempo não se ouvia falar de obras literárias que privilegiassem o saber negro, a cultura negra. A importância de abordar a literatura negra na escola está presente na lei nº 10.639, que foi sancionada em 2003 e alterada pela Lei nº 11.645/08, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas, públicas e particulares, do ensino fundamental até o ensino médio. Melo (2017) salienta que é importante que os educadores e a sociedade em geral tenham consciência de que a literatura sozinha não conseguirá resolver as desigualdades sociais e culturais do país, contudo ela possui um poder de formação que pode potencializar uma educação intercultural para futuras gerações que reconhecem a

diversidade como algo bom e não como prejuízo.

Nesse sentido, é importante que se reconheça o papel reflexivo, crítico, libertador, descolonizador que a literatura negra possui e a importância da prática literária na sala de aula. Infelizmente, a desigualdade no Brasil é alarmante e o baixo índice de leitores também, mas essa literatura continua a ser produzida com diferentes nomenclaturas, como afirma Cuti (2010).

Ao almejar uma sociedade democrática, justa e equânime, é necessário que se reconheça que a literatura brasileira por muito tempo aceitou obras que diminuía, desrespeitava e inferiorizavam o povo negro. É necessário quebrar essas barreiras e propor uma educação livre de preconceitos, com práticas que combatam o racismo. É necessário dar continuidade ao sonho de Paulo Freire (1991), o sonho de democratizar a escola, de eliminar o racismo, o sexismo e o preconceito de qualquer forma, de superar seu elitismo.

A escolas precisam aderir a práticas antirracistas para além de uma lei que as obrigue a realizar tais práticas. A literatura negra é uma forma leve de trabalhar questões tão difíceis de serem discutidas dentro de sala de aula além de ser uma porta de acesso para conhecimento sequer pensados; a escola precisa ser um local de pertencimento, de inclusão e não de silenciamento, de exclusão e violência para os meninos e meninas negras deste país.

### 2.1 A LITERATURA NEGRO-BRASILEIRA NAS SÉRIES INICIAIS NO COMBATE AO RACISMO

As séries iniciais são constituídas do 1º ao 5º ano. É a etapa do Ensino Fundamental em que a criança sai da educação infantil. Nesse novo ciclo, a criança participa de atividades lúdicas que favorecem o seu desenvolvimento motor, cognitivo, social, entre outros aspectos. O espaço escolar é um ambiente onde as crianças aprendem, interagem com outras crianças. O impacto da leitura nas séries iniciais faz despertar nas crianças o interesse em conhecer o mundo. A escola brasileira sempre contou com a literatura para auxiliá-la na escolarização dos indivíduos e na sua formação social (LAJOLO, 2004).

Consta nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) para a Educação das Relações Étnico Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana (2004, p. 7) que

*“A educação constitui-se um dos principais ativos e mecanismos de transformação de um povo e é papel da escola, de forma democrática e comprometida com a promoção do ser humano na sua integralidade, estimular a formação de valores, hábitos e comportamentos que respeitem as diferenças e as características próprias de grupos e minorias. Assim, a educação é essencial no processo de formação de qualquer sociedade e*

*abre caminhos para ampliação da cidadania de um povo.”*

A educação é um direito social de todos e tem entre seus objetivos o exercício pleno da cidadania. Reconhecendo o poder transformador da educação, podemos acreditar na sua capacidade de combater o racismo na sociedade brasileira, munindo-se de vários mecanismos como, por exemplo, a literatura, para resgatar a humanidade dos sujeitos negros, além de ser uma obrigação do Estado utilizar tais práticas ao possuir uma dívida histórica com as populações de minoria étnicas do país.

Mas por que literatura negro-brasileira e não literatura afro-brasileira? Primeiramente, há uma necessidade de ressaltar a importância da frente negra brasileira, do movimento negro brasileiro em relação a várias conquistas que a população negra alcançou e que sempre ressaltaram a palavra *negro*. O movimento negro sempre lutou para que todas as diferenças fossem respeitadas e para que todos tivessem a mesma igualdade de oportunidade.

O movimento negro, através de seus militantes, denuncia a escola como reprodutora do racismo e os livros didáticos, que traziam imagens estereotipadas dos negros e enfatiza a importância de dar outro significado à palavra *negro*. O negro foi constituído neste país exclusivamente como escravo, como subalterno; ele não é constituído como um ser humano, mas sim como uma coisa. Se o negro é constituído como escravo que se rebela, que não está conformado com a sua condição, temos uma outra definição do que é ser negro, como, por exemplo, a oposição que pretende Clovis Moura a Gilberto Freire, quando ele propõe Casa Grande e Quilombo e Não Casa Grande e Senzala. Nesse contexto, os ativistas negros utilizaram uma estratégia que, segundo, dá outro sentido a palavra negro, outro significado.

*“A segunda estratégia para contestar o regime racializado de representação é a tentativa de substituir as imagens “negativas”, que continuam a dominar a representação popular, por várias imagens “positivas” de pessoas negras, de sua vida e cultura. Esta abordagem tem o mérito de corrigir o equilíbrio e é sustentada pela aceitação da diferença – de fato, por sua celebração. Ela inverte a oposição binária, privilegiando o termo subordinado, às vezes lendo o negativo de forma positiva: “Black is Beautiful.” Tenta construir uma identificação positiva do que tem sido visto como abjeto. Expande muito a gama de representações raciais e a complexidade do que significa “ser negro”, desafiando assim o reducionismo dos estereótipos anteriores.” (HALL, 2016, p. 216)*

Dessa forma, Hall (2016) propõe em seu livro que devemos questionar as imagens para compreender o que elas representam. As imagens que vemos nos ajudam a compreender o mundo, elas apresentam os valores, as iden-

tidades e a forma de como o poder se insere neste processo.

Cuti (2010), que antecede Hall nos seus escritos, compreende bem essa estratégia quando escreve o motivo de optar pela palavra negro em seus escritos no trabalho intitulado Quem tem medo da palavra negro (2010). Segundo o escritor,

*“Tendo a palavra em foco servido para ofender, no momento em que o ofendido assume- a dizendo “eu sou negro”, o que ocorre é que ele dá a ela um outro significado, ele positiva o que era negativo. Aqui acontece algo estranho para quem ofende. Se a palavra perde o poder de ofender, ele, o ofensor, perde um instrumento importante na prática (discriminação) e na manutenção psíquica (o pre-conceito) do racismo”. (CUTI, 2010, p. 5)*

Essa questão pode gerar questionamentos sobre o fato de que nem todo negro é antirracista ou se identifica com a luta antirracista. Importante ressaltar que o negro é racializado a todo momento, é como se um indivíduo negro respondesse por todos do seu grupo e isto tem impactos enormes na vida das pessoas. Por exemplo, o ex-presidente da Fundação Cultural Palmares, Sérgio Camargo, tinha em muitos de seus discursos o ódio contra o seu próprio povo e muitos intelectuais negros eram questionados sobre a forma como este indivíduo representava a população negra, como se Sérgio falasse por todos os negros. O negro é racializado em tudo, o branco não. O branco não tem raça. O negro fala e responde por todo um grupo, por isso mesmo que a literatura negro-brasileira é uma literatura política, carregada de luta. A palavra *negro* deve ser entendida como uma definição política.

Ademais, a escolha do termo literatura negro-brasileiro em detrimento de literatura afro-brasileira vem da ideia de sujeitos que possuem uma consciência do que é ser negro, das consequências do que é ser negro neste país, que passam por experiências racistas e que combatem o racismo e o epistemicídio de várias formas. Carneiro (2011) compreende epistemicídio como um fenômeno que ocorre pelo rebaixamento do outro causado pelo racismo. São práticas que negam o outro como sujeito cognoscente. É a imposição do embranquecimento cultural, é a sepultação de saberes.

Toda sociedade brasileira e, principalmente, os povos subalternizados estão desorientados por um sistema que, após sequestrar/roubar todo o conhecimento desses povos, sempre tentou apagar toda sua ancestralidade. Por isso, é necessário resgatar e reconstruir todos esses conhecimentos que auxiliaram na formação da sociedade brasileira.

É necessário ressaltar que, assim como Cuti (2010), entendo que o termo *afro* é muito abrangente e que pode, por muitas vezes, mascarar o racismo que é enraizado no país. Segundo ele, a expressão afro-brasileiro inde-

pende da presença do indivíduo da pele escura e, portanto, daquele que sofre diretamente o racismo.

Quando se fala em racismo, é o indivíduo negro, que tem sua pele escura, e que, portanto, possui características fenotípicas que sofre racismo. Pele escura, cabelo crespo, nariz largo e lábios carnudos e história social são os alvos de racistas. Não importa se esse indivíduo seja Silvio de Almeida (advogado, escritor, ativista e agora ministro dos Direitos Humanos e Cidadania do Brasil do atual governo) ou Sérgio Camargo. Os dois são negros. A diferença entre eles: um se reconhece enquanto negro, reconhece o racismo e o combate na sociedade e o outro não, mas os dois são negros. O professor Kabengele Munanga (2014, p. 3- 4) explica que no século XVIII a cor das pessoas foi o maior divisor entre as raças e foi nesse período que ficaram determinadas as três raças presentes na mente da população: raças branca, negra e amarela. Já no século XIX, as características fenotípicas foram somadas ao critério de cor “para aperfeiçoar a classificação”.

Assim, é perceptível que essas categorizações ainda estejam no imaginário da sociedade; no entanto, é necessário desconstruir para que se alcance uma sociedade mais justa, mais humana, esperando um sistema educacional que aceite as diferenças, que diminua as desigualdades.

## 2.2 A DECOLONIALIDADE PRESENTE NA LITERATURA NEGRO-BRASILEIRA

O conceito de decolonialidade surge como uma proposta para enfrentar a colonialidade e o pensamento moderno. No final dos anos 1990, intelectuais latino-americanos de distintas nacionalidades e atuantes em diferentes universidades do continente americano constituíram o chamado grupo Modernidade/Colonialidade (M/C). Esse grupo faz releituras históricas e problematiza questões referentes ao continente; um dos principais pensadores desse movimento é Aníbal Quijano, sociólogo que desenvolve a ideia de colonialidade. Para Quijano (2005), o colonialismo é percebido como um processo colonial que não se finaliza com a descolonização: a colonialidade se revela nas heranças de dominação que se mantêm após o colonialismo. Para Quijano, mesmo com o fato do colonialismo ter sido extinto, a forma de dominação colonialista interfere nas relações sociais até hoje, principalmente nos países colonizados, como, por exemplo, o Brasil.

Ainda segundo Quijano, a ideia de raça como conhecemos, como classificação social, não tem história conhecida antes da América:

*“Na América, a ideia de raça foi uma maneira de outorgar legitimidade às relações de dominação impostas pela conquista. A posterior constituição da Europa como nova entidade depois da América e a expansão do colonialismo europeu ao resto do mundo conduziram à elaboração da perspectiva eurocêntrica*

*do conhecimento e com ela à elaboração teórica da ideia de raça como naturalização dessas relações coloniais de dominação entre europeus e não-europeus”.* (QUIJANO, 2005, p. 11)

Logo, pode-se constatar que essa dominação interferiu e ainda interfere nas relações sociais e nas produções de conhecimento que conhecemos hoje, principalmente a literatura. É necessário problematizar, questionar a universalização da Europa como detentora de sabedoria universal.

A desvalorização e inferiorização dos saberes desses povos colonizados sempre existiu no país; a ideia foi sempre homogeneizar o conhecimento e negar a alteridade dos povos colonizados. Segundo Elias (2000, p. 24, *apud* VEIGA, 2016, p. 275), “afixar o rótulo de valor humano inferior a outro grupo é uma das armas usadas pelos grupos superiores nas disputas de poder, como meio de manter sua superioridade social”.

A bem da verdade, a Europa enterrou o continente africano e toda a sua história; é como se os africanos e seus descendentes tivessem existido apenas como mão de obra escrava e isso infelizmente por muitas vezes foi reforçado nas escolas.

Nesse sentido, é importante estar atento ao que diz Frantz Fanon, no livro *Pele negras, máscaras brancas* (2008, p. 94):

*“Em outras palavras, começo a sofrer por não ser branco, na medida que o homem branco me impõe uma discriminação, faz de mim um colonizado, me extirpa qualquer valor, qualquer originalidade, pretende que seja um parasita no mundo, que é preciso que eu acompanhe o mais rapidamente possível o mundo branco, “que sou uma besta fera, que meu povo e eu somos um esterco ambulante, repugnantemente fornecedor de cana-macia e de algodão sedoso, que não tenho nada a fazer no mundo.”*

Neuza Santos, psiquiatra, psicanalista e escritora brasileira, no seu livro *Tornar-se negro* (1983), afirma que o negro tornou o branco como modelo de identificação, como única possibilidade de “*tornar-se gente*”. Neuza sofre influência do escritor Fanon e traz na sua escrita a subjetividade dos sujeitos negros em relação a todas as formas de racismo que existem na sociedade brasileira. Ela, assim como grandes escritores e ativistas negros brasileiros de sua época como Abdias do Nascimento, Hamilton Cardoso, Beatriz Nascimento, Eduardo de Oliveira e Oliveira, Lélia Gonzalez, denuncia o racismo existente em nossa sociedade e o mito da democracia racial, que tenta mascarar o racismo existente no país. Esses intelectuais pavimentaram estradas para que, hoje, negros e negras pudessem caminhar mais seguros na realização de seus direitos. Cuti (2010) entende que falar sobre o racismo é doloroso, lembrar que existe uma estrutura montada para desu-



maninar sujeitos negros e seus corpos dói. Por isso, tantas pessoas negras negam a existência do racismo e, por isso, também é necessário ressaltar os nomes dos ativistas negros brasileiros que, mesmo vivenciando tamanha dor, decidiram falar sobre os impactos do racismo na população negra e não silenciaram suas vozes.

Destarte, é imprescindível notar a forma como a literatura negro-brasileira trata a identidade dos sujeitos, a valorização da sua história, mesmo estando dentro de uma língua portuguesa, acadêmica. Uma literatura que resgata a luta de ativistas que lutaram para que o negro fosse respeitado neste país e que as desigualdades raciais e sociais projetadas na vida e nas mentes dos colonizados fossem extintas da sociedade.

De acordo com Freire (1992, p. 52), "A libertação dos indivíduos só ganha profunda significação quando se alcança a transformação da sociedade". É nesse sentido, que a literatura negro-brasileira pode proporcionar aos indivíduos uma reflexão a respeito da sociedade que almejamos, uma literatura que propõe uma quebra revolucionária no olhar que as crianças negras terão de si mesmas, no resgate de suas subjetividades, uma literatura comprometida em estimular a valorização dos sujeitos e combater o epistemicídio.

### 3 DADOS E MÉTODOS

Para realizar a pesquisa, utilizou-se a abordagem de métodos mistos ou quali-quantitativa. Para a primeira etapa, foram selecionadas as seguintes obras: *Sinto o que sinto: e a incrível história de Asta e Jaser* de Lázaro Ramos (2019), *Meninas negras* de Madu Costa (2021), *O mundo no Black Power* de Tayó de Kiusam de Oliveira (2013), *Meu avô africano* de Carmém

Campos (2010), *Princesas negras* da Edileuza Souza e Ariane Meireles (2019), *O pequeno príncipe negro* de Rodrigo França (2020), *Amoras* de Emicida (2018), *O pente penteia* de Olegário Alfredo (2015), *Bucala: A princesa do quilombo* de Cabula de Davi Nunes (2019) e *Minha mãe é negra sim!* de Patrícia Santana (2021). Foi analisada a importância da literatura negro-brasileira infantojuvenil na formação da subjetividade das crianças e a relevância das obras no combate ao racismo nas séries iniciais, além de reconhecer elementos históricos que contribuem para legitimação da lei 10.639/03, visto que as obras valorizam a cultura e a representatividade africana (cf. Quadro 1).

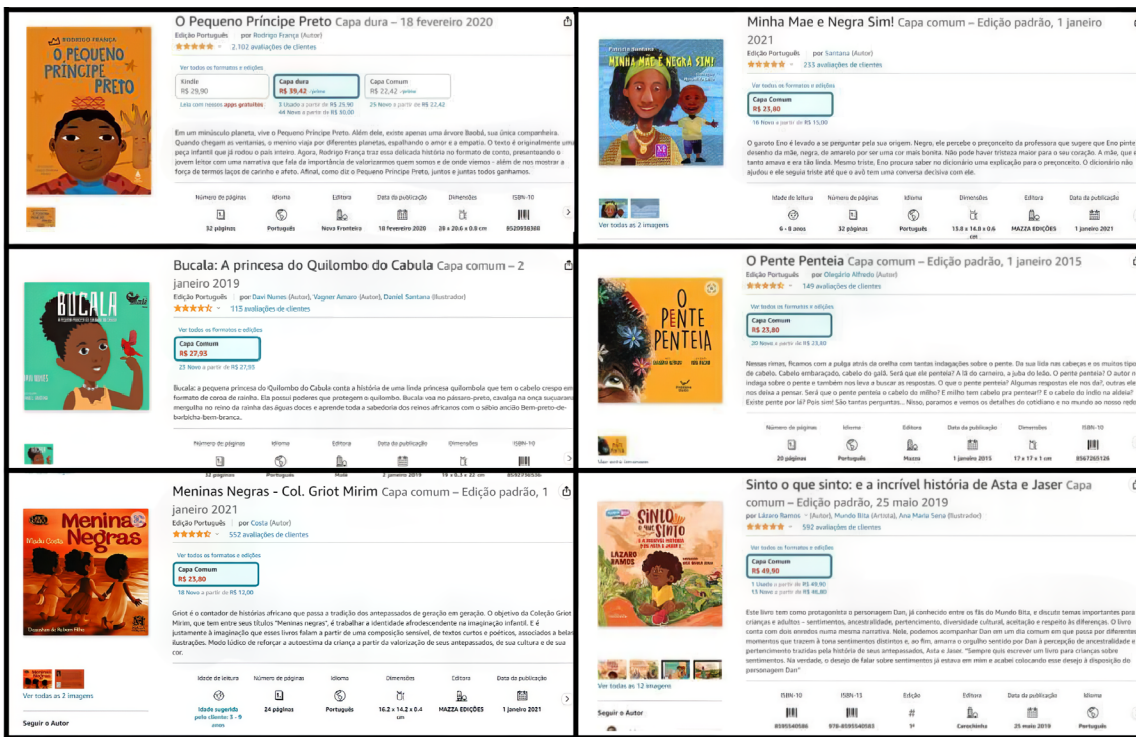
Para analisar os comentários das obras, foi necessário instalar uma extensão do Chrome chamada Web Scraping, que fez a raspagem dos dados textuais, compostos pelos comentários realizados nos livros no site da Amazon. Posteriormente, foi realizado o tratamento para a criação do *corpus*, feito de forma exploratória e manual por meio de planilha do Excel.

A análise de Conteúdo Automatizada foi realizada com a aplicação das técnicas de Escalonamento Multidimensional (MDS), que gera grupos de palavras do corpus, Rede de Coocorrência de palavras. Essas análises foram realizadas com o KH Coder, uma interface para a linguagem de programação estatística e gráfica para análise e manipulação dos dados. O algoritmo de lematização em português foi aplicado. O algoritmo de lematização elimina análises as classes gramaticais artigos, conjunção, preposição e pronomes, consideradas como "stop words", palavra que pode ser anulada, omitida ou ocultada na hora de fazer uma busca na internet sem que o sentido do que encontrar seja perdido. É como se o algoritmo escolhesse palavras-chaves.

Quadro 1: Detalhamento das obras analisadas.

The image displays four screenshots of Amazon product pages for books. Each screenshot shows the book cover, title, author, price, and some descriptive text. The books are:

- Amoras** by Emicida, published on September 14, 2018. Price: R\$ 16,72. ISBN: 978-85-74068367.
- Meu avô africano** by Carmém Campos, published on December 7, 2010. Price: R\$ 39,70. ISBN: 978-85-74068767.
- O mundo no black power** by Tayó de Kiusam de Oliveira, published on January 1, 2013. Price: R\$ 42,90. ISBN: 978-85-71963098.
- Princesas negras** by Edileuza Souza and Ariane Meireles, published on April 17, 2019. Price: R\$ 28,04. ISBN: 958-27-35447.



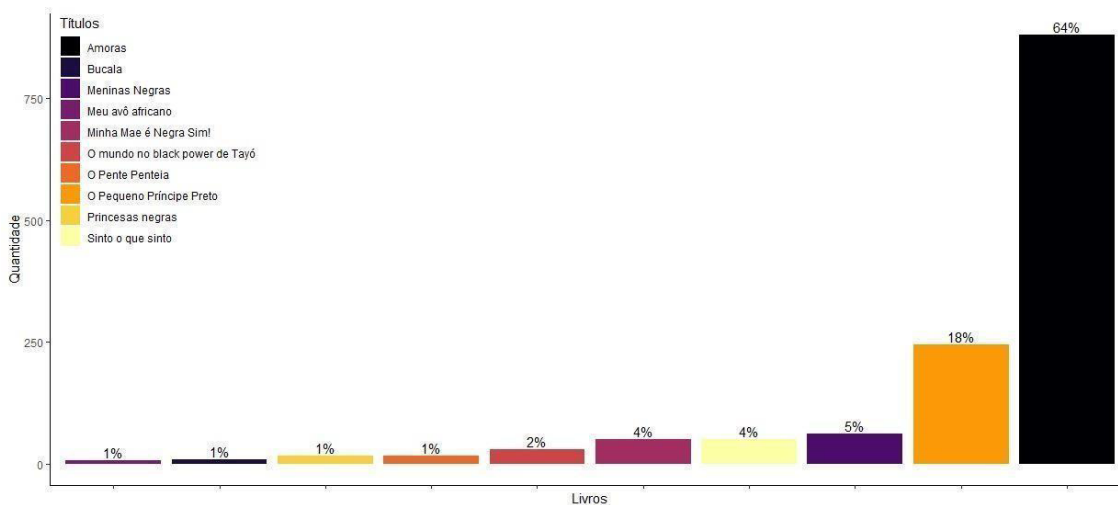
Fonte: Elaborado a partir de dados da Amazon.com, Inc., 2023.

#### 4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Esta pesquisa tem o objetivo de analisar a percepção de leitores através de livros infantis em comentários publicados no site da Amazon. Para tanto, objetivou-se responder com esta pesquisa a duas questões: Qual é a importância da literatura negro-brasileira na formação das crianças nas séries iniciais? Como isso pode ser percebido nos comentários de compras de livros infantis em um site conhecido?

O gráfico da Figura 1 apresenta a quantidade de comentários por livro. Nele é possível observar a quantidade de comentários que cada obra selecionada obteve. O livro *Amoras* (2018) foi o que mais obteve comentários no livro no site da Amazon, seguido do livro *O pequeno príncipe preto* (2020); isso provavelmente se deve ao fato desses autores serem famosos conhecidos pela sociedade e, portanto, há mais facilidade na divulgação de suas obras.

Figura 1: Quantidade de comentários por livro.

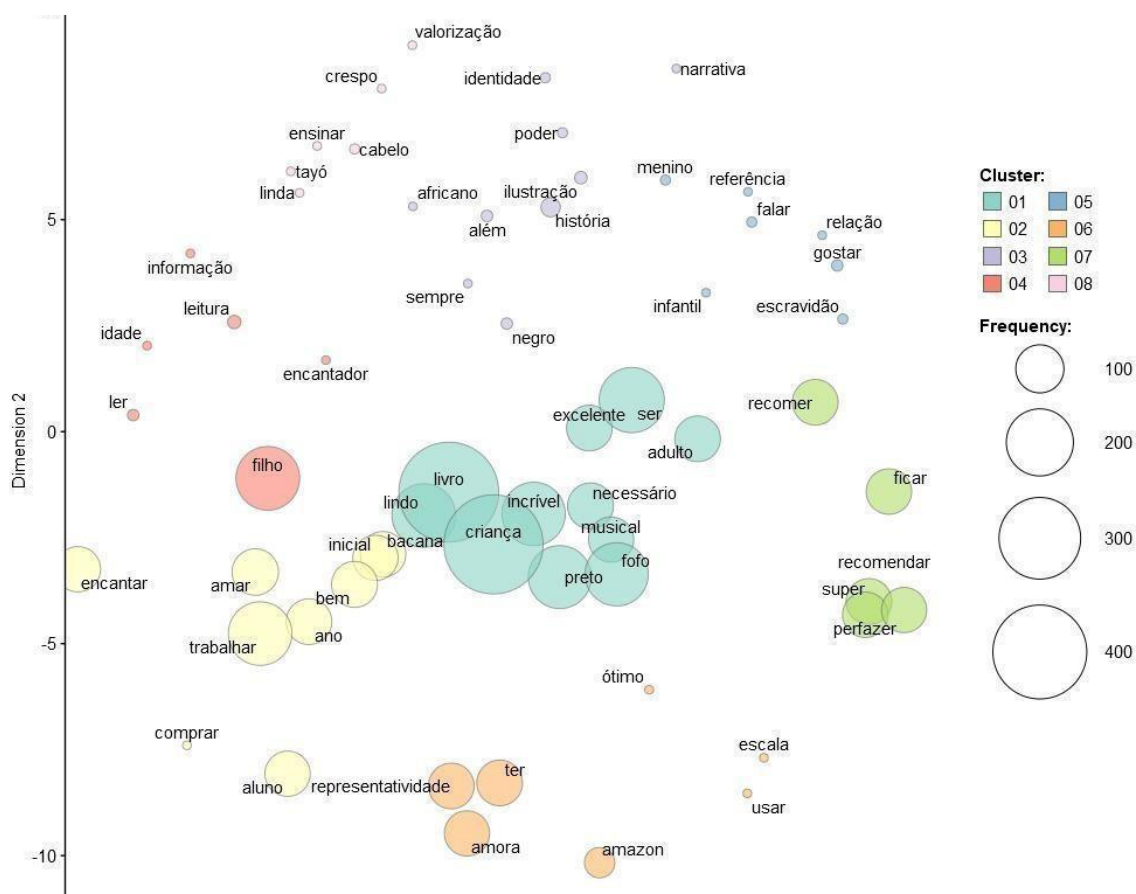


Fonte: Resultados originais da pesquisa, 2023.

O gráfico da Figura 2 apresenta uma síntese de 8 temas falados nos comentários dos livros no site, que foram classificados de acordo com o grupo de palavras presentes em cada um:

- Cluster 1 – Importância da literatura negra na infância
- Cluster 2 – Importância na séries Iniciais
- Cluster 3 – Resgate e valorização da ancestralidade
- Cluster 4 – Famílias adquirindo as obras
- Cluster 5 – Formação da identidade
- Cluster 6 – Representatividade presente nos livros
- Cluster 7 – Importância na formação da identidade das crianças
- Cluster 8 – Empoderamento causado pelas imagens e leituras do livro.

Figura 2: Síntese de 8 temas falados nos comentários dos livros.

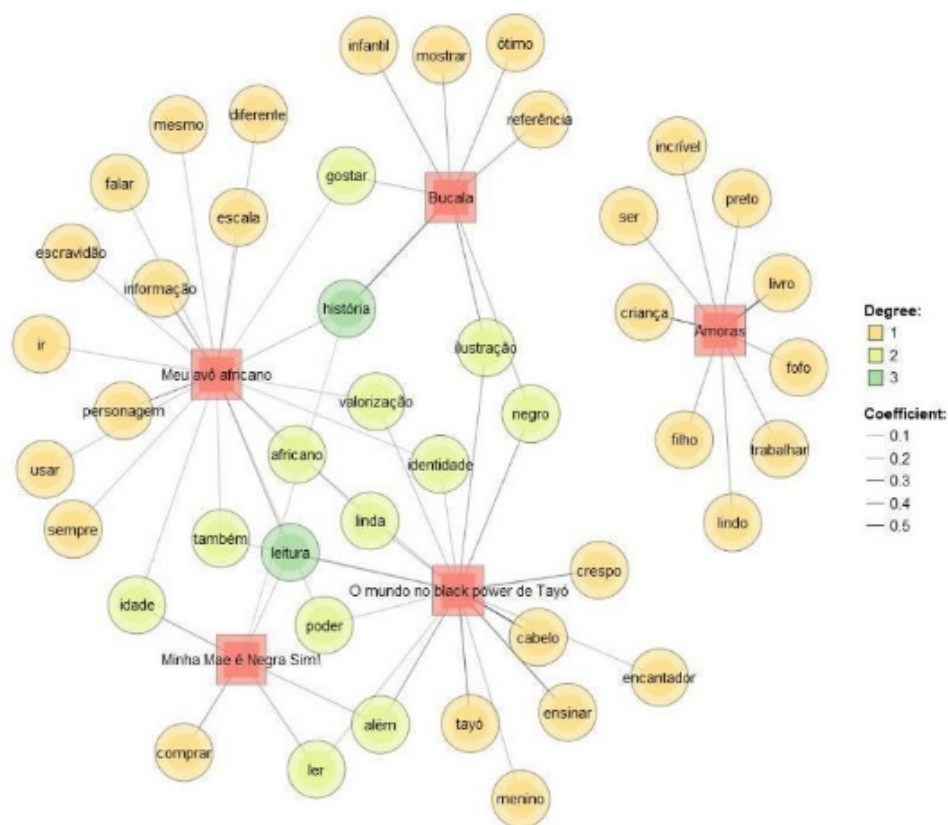


Fonte: Resultados originais da pesquisa, 2023.

O gráfico da Figura 3 demonstra uma rede de palavras que mais apareceram em 5 obras (em vermelho): *Bucala* (2019), *Amoras* (2018), *O mundo no Black Power* de Tayó (2013), *Minha mãe é negra sim!* (2021) e *Meu avô africano* (2010); com destaque para a obra *Amoras* (2018), que foi a única obra que possuiu pa-

lavras únicas, ou seja, nenhuma palavra apresentada no livro *Amoras*, segundo o KH Coder, possui relação com as palavras dos outros livros. Palavras como *identidade*, *encantador*, *identidade*, *valorização*, *criança*, *ilustração*, *cabelo*, *poder*, entre outras, foram recorrentes e mencionadas nas demais obras.

Figura 3: Redes de palavras que se destacam nos comentários dos livros.



Fonte: Resultados originais da pesquisa, 2023.

Para analisar as obras, foi necessário fazer as raspagens dos comentários de cada obra selecionada no site da Amazon, utilizando o Web scraping, software que permite a extração de dados de sites da web convertendo-os em informação estruturada para posterior análise. Grande parte das obras recebeu nota máxima na avaliação dos clientes.

Os comentários auxiliaram a compreender a importância desses livros na formação identitária das crianças. Interessante ressaltar que muitos dos avaliadores se identificaram com o personagem dos livros e com a temática abordada neles. Como os comentários foram retirados do site, há erros de grafia que não foram corrigidos. Optei por colocar os comentários na íntegra, exceto um comentário que precisou ser traduzido para maior compreensão dos leitores. Interessante ressaltar que muitos leitores adultos enaltecem o trabalho dos escritores e como as obras seriam importantes se tivessem tido a oportunidade de lê-las na infância. Separei alguns comentários que confirmam a ideia levantada desde o início deste trabalho; os comentários estão enumerados apenas para facilitar a compreensão da análise, não tendo relação com a ordem dos comentários no site.

No livro *Amoras* (2018), pode-se perceber a importância do empoderamento negro nas crianças. No livro há uma descoberta da iden-

tidade pela menina. Emicida entende a importância de nos orgulharmos de quem somos e resgata nossa ancestralidade através de personagens históricos como Zumbi dos Palmares, Martin Luther King, Malcolm X e entidades da mitologia Yorubá, além de fazer referências à religião afro.

Alguns comentários chamam a atenção e podemos observar o impacto nefasto que o racismo causa na subjetividade das crianças. Pensar que uma criança negra quer possuir outra cor porque a vida seria fácil é triste. O comentário 1 chama atenção porque dialoga com o que Neuza Santos (1983) afirma quando diz que o negro tornou o branco como modelo de identificação, como única possibilidade de tornar-se gente. O comentário 1 diz o seguinte:

*“Dedico essa leitura pra [sic] todas crianças que como eu cresceram tentando se encontrar nos livros. Que por algum momento já quiseram ser brancas por pensar que a vida seria mais fácil. Esse livro fala de amor, fala de vitórias, das nossas conquistas. Esse livro faz a diferença. Esse livro é o que uma criança preta precisa. Não merecemos passar por tudo de ruim que passamos. Esse livro é precioso”.* (Comentário 1)



Somos seres diversos, por isso é necessário trabalhar a diversidade dentro de sala de aula e para além dela. Ficou claro em algumas obras o racismo religioso a respeito de religiões de matriz africana. É triste perceber que, apesar de estarmos no século XXI, cercados de aparatos tecnológicos em uma época em que a informação fica acessível com apenas um clique, as pessoas ainda enxergam as religiões de matriz africana como algo ruim, e suas divindades advindas do demônio. Neste comentário podemos ver a necessidade de descolonizar a mente dos povos colonizados (FANON, 2008). O comentário 2 referente à obra do rapper e ativista negro Emicida demonstra isso:

*“Li muitas avaliações aqui de pessoas cristãs que não recomendam o livro. CRISTÃOS, por favor, crer em Jesus Cristo e na Trindade Santa não requer que vocês deixem seus filhos na ignorância sobre outras crenças e outras formas de enxergar o mundo. Ensinar seu filho a compreender que existe diversidade no mundo é respeitar o próximo, é disso que precisamos para viver melhor em sociedade. Se vocês vivem o amor de Cristo, o mínimo que precisam fazer é ensinar seus filhos a serem tolerantes com o diferente, e o livro é um excelente insumo para isso. O respeito à diversidade é fundamental para um mundo mais justo e inclusivo e isso é viver o amor que Cristo propagou. Não limitem conhecimento aos seus filhos, inclusive para que eles tenham informações para tomarem seus próprios caminhos, que creiam verdadeiramente, ou, que sejam livres para adotar caminhos que os fazem mais felizes” (Comentário 2).*

Munanga (2015) menciona que, apesar das matrizes culturais formadoras do país continuarem existindo, os preconceitos culturais não deixaram de existir, como a chamada intolerância religiosa. Apesar de existir no país uma diversidade cultural, ainda não aceitamos saberes e práticas diferentes da cultura do colonizador e observa-se um preconceito maior com as religiões de matriz africana. Desse modo, no comentário 2 fica evidente o preconceito de algumas pessoas que, ao não se identificarem com os preceitos da religião yorubá ou de qualquer religião de matriz africana, criticam a obra baseando-se em referências que possuem da sua religião, neste caso a religião cristã. Debater o racismo religioso se torna um grande obstáculo quando se utilizam comparações sobre crenças que não existem na crença do outro.

No livro *Sinto o que eu sinto e as incríveis aventuras de Asta e Jeser* (2019), é importante destacar o comentário 3; nele fica claro o papel da representatividade nos personagens e na autoria das obras na formação das crianças. Segundo o comentário,

*“A história é linda. Versa sobre sentimentos de uma maneira legal e o personagem principal, o autor e a ilustradora são negros, algo que pode servir para traba-*

*lhar a representatividade negra para as crianças” (Comentário 3).*

Para Cuti (2010), é necessário compreender que a formação de um escritor é algo caro no país; o desenvolvimento da literatura negro-brasileira necessita que a população, cuja subjetividade é fator principal desta vertente, elabore sua ascensão social e cultural. Entretanto, é importante destacar que mesmo a formação de um escritor/escritora ser algo caro no país, pessoas negras sempre tentaram e conseguiram romper com o viés acadêmico e nada inclusivo da literatura brasileira. Carolina Maria de Jesus, escritora, poetisa e compositora foi uma das primeiras escritoras negras do país; sua literatura potente e transgressora ganhou reconhecimento devido a sua coragem; sua escrita era política, consciente de sua negritude e do racismo na sociedade. Carolina Maria de Jesus afirma a beleza negra no seu livro *Quarto de despejo* (2016), em uma época em que a beleza negra não era afirmada em nenhum lugar no país.

É através de livros como estes apresentados, cujos autores são minorias ou poucos destacados no mercado editorial, que vemos a importância dessas referências para crianças – o conteúdo do livro é importante e quem escreve também.

No livro da Kiusam de Oliveira (2013), *O mundo no black power* de Tayó, há muitos comentários sobre a aceitação dos cabelos pelas meninas, um empoderamento:

*“Além das ilustrações serem lindas, a história de Tayó é uma inspiração para meninas assumirem seus cabelos crespos como coroas, ensinando não somente o poder da aceitação para enfrentar o preconceito, mas também rememorando a história da diáspora africana. Lindo!” (Comentário 4).*

*“A história trouxe orgulho para minha filha. Ela se sentiu representada pela Tayó e desde então, ela não dorme sem ouvir a história da amiga dela. representatividade é essencial ainda mais na infância. Livro incrível, história maravilhosa”. (Comentário 5).*

Desde muito cedo, crianças negras podem sofrer diversos xingamentos em relação às suas características fenotípicas. Essas ofensas interferem na construção da identidade das crianças e causam efeitos nefastos na subjetividade delas. As diferenças são construções sociais, culturais e políticas, todavia, como vivemos em uma estrutura de poder, aprendemos desde cedo a ver as diferenças de forma hierarquizada; bonito e feio, superior e inferior (GOMES, 2005). A representatividade é algo de extrema importância para qualquer criança, mas sabemos que crianças negras são atacadas em sua subjetividade desde muito cedo e, infelizmente, a escola é um dos ambientes onde

as crianças mais sofrem racismo. Compreendo que a literatura é uma prática leve e lúdica que pode facilitar a compreensão das diferenças como algo positivo.

Nesse sentido, fica muito claro compreender a importância da obra *Minha mãe é negra sim!* (2021) de Patrícia Santana, que aborda o preconceito racial sofrido na escola. Os comentários nº 6 e 7 evidenciam a importância da obra na construção da identidade das crianças:

*"O livro aborda a temática racial de forma sensível e madura. O reconhecimento da negritude é um passo importante na construção da identidade de nossas crianças. O livro, além disso, apresenta importantes valores da cultura iorubá, como a ancestralidade, o respeito aos mais velhos e o tempo. Vale a leitura para toda a família!"* (Comentário 6).

*"Lindo, delicado e necessário."*

*O livro que eu queria ter lido quando era criança, durante as minhas frustrantes [sic] e nada didáticas aulas de artes. O livro que eu quero que meu sobrinho, leia e se veja representado".* (Comentário 7).

Frantz Fanon (2008) argumenta que a principal característica da estereotipagem racial se dá quando o branco nega a diferença do outro, quando o branco não reconhece o negro como sujeito. Livros com temática negra podem fazer com que as crianças aprendam a reconhecer e respeitar a alteridade do outro.

Ainda sobre os comentários 6 e 7, podemos utilizar do conceito de *escrevivência*, denominado pela Conceição Evaristo que é escritora, professora, linguista e ativista negra. A escritora utiliza a junção de escrever e vivência para explicar o termo, no entanto, a expressão não pode ser descrita apenas pela junção dessas duas palavras, a *escrevivência* está relacionada às experiências enquanto sujeitos e sujeitas negras, uma escrita carregada de ancestralidade. A *escrevivência* rasura e invalida a condição de passividade dos sujeitos que vivem à margem da sociedade (OLIVEIRA, SAMPAIO e SILVA, 2021) Para a escritora, a escolha temática, as palavras, os personagens, etc, refletem as experiências, as vivências de quem as escreve ou das experiências enquanto grupo, a *escrevivência* é uma escrita política, ideológica. A ideia contida no livro *Minha mãe é negra sim!* de Patrícia Santana devolveu aos leitores um rompimento com o ideário branco de beleza, de não aceitação ao que nos é imposto como belo, mesmo que de forma inconsciente ou indireta.

Deste modo, o questionamento do comentário nº 8 a respeito do livro *O pequeno príncipe preto* (2020) de Rodrigo França traz a importância da literatura negra na formação de crianças brancas:

*"Porque comprar um livro preto para um garoto branco? Hahaha [sic] há diversas questões a serem desencobertas*

*do nosso passado que virão a influenciar nosso futuro e presente. A questão do racismo/ consciência de raça e classe (que também nos diz sobre erros humanos) é uma das principais na minha opinião[Sic] pois ela atinge nosso vizinho, nossos avós, a economia, o estado, a escola, a ação da polícia, a política pública. Conscientizar a criança a respeito da diferença, diversidade e o pré conceito, a mim vem a ser uma forma de entregar uma das maravilhosas ferramentas que desenvolvemos ao longo dos milênios, a educação. Não há porque entregar o pequeno príncipe preto para o Luís branco, e sim há o porquê de dizer existem negros príncipes, negras rainhas e podemos a todo tempo mudar o olhar como enxergamos quem nos cerca".* (Comentário 8).

O racismo afeta a todos. Esta afirmativa deveria ser uma unanimidade, mas não é. O racismo é uma construção social, a responsabilidade de discutir o racismo não pode ser apenas dos indivíduos negros. Fazer com que todas as crianças tenham a oportunidade de conhecer histórias e outros enredos é fundamental para a formação das crianças. Adichie (2016) discute o perigo de uma história única e fala da importância de haver outras histórias, contadas a partir do ponto de vista de quem foi roubado/apagado. Nesse sentido, quando discutimos a importância de uma literatura infantojuvenil negra estamos propondo uma representatividade que muitos adultos negros não tiveram na infância. Segundo Stuart Hall (2016), uma das formas de mudar o regime racializado é mudar a imagem negativa que um grupo possui em outra positiva. Desta forma, todas as características que racializam um grupo passam a serem vistas como algo positivo, algo a ser valorizado.

Professores adquiriram as obras para trabalhar na sala de aula, o que é louvável; vivemos em uma sociedade democrática e felizmente não separamos as crianças pela cor de sua pele. Somos seres diversos, é necessário trabalhar a diversidade dentro de sala de aula e para além dela.

Há uma diversidade de possibilidades de trabalhar a literatura negro-brasileira nas escolas, dentro de sala de aula. De nada adianta vivermos em uma sociedade que reconhece o racismo, mas nada ou pouco faz para combatê-lo. É necessário o antirracismo na práxis. É necessário salientar que a Lei nº 10.639/03 em seu parágrafo nº 1 fala de resgate da contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do país (BRASIL, 2003). A palavra resgate nos indica algo que foi apagado, esquecido e que, portanto, precisa, diante de uma lei, ser preservado por todos, principalmente em ambientes educacionais.

Deste modo, é necessário reconhecer que uma ideia de democracia racial é agradável a todos: uma sociedade em que todas as diferentes etnias fossem tratadas com igualdades de oportunidades, que pudessem exercer sua

religiosidade de forma respeitosa e que não fossem julgadas pelas suas diferenças. Infelizmente, esta é uma ideia que está longe de pertencer à sociedade brasileira. Sobre o livro *Meu avô africano* (2010), há um comentário no site bastante pertinente sobre a necessidade de um posicionamento antirracista. No Brasil há uma ideia muito difundida que prega que todas as raças no país vivem em harmonia. E como se não houvesse racismo. Na África do Sul e nos Estados Unidos é que existiu racismo, afirmam defensores desta ideia. Segundo o comentário 9 referente ao livro *Meu avô africano* (2010):

*“Estou usando este livro para facilitar a discussão sobre a escravidão. A escravidão no Brasil estava em uma escala muito maior do que nos EUA – sua dinâmica e as cicatrizes que deixou eram de escala e natureza diferentes também”.* (Comentário 9, traduzido).

Stuart Hall (2016) compreende que apesar da segregação nos Estados Unidos ter sido algo muito ruim, o regime de separação fortaleceu a identidade cultural negra e a forma como as pessoas construíram sua identidade negra. No Brasil, a ideia de democracia racial difundida principalmente pelo sociólogo Gilberto Freyre, por meio do seu livro *Casa-Grande e Senzala* (1933), camuflou o racismo existente no país. Apesar da luta insistente do movimento negro brasileiro na tentativa de desmistificar o mito de democracia racial ele é, ainda, propagado e faz parte da construção do imaginário social do país. Munanga (2015) salienta que sem contruir sua identidade racial, alienado no universo racista brasileiro, o negro não conseguirá participar de nenhum processo de construção da democracia em condições de igualdade com os compatriotas de outras ascendências. E isso já se reflete em nossa educação, em nossos gritantes índices de desigualdades educacionais e sociais.

É necessário contestar a ideia de democracia racial, reconhecer o racismo existente no país e ter um posicionamento antirracista. Infelizmente, é possível notar que muitas pessoas criticaram a falta de livros com esta temática nos acervos das escolas. O Brasil é um país extremamente desigual, pode-se dizer que a pobreza no país tem cor. Questionar as obras literárias que entram nas escolas é importante, questionar as obras que não entram também. Quais são as histórias contadas hoje em nossas escolas? Quem são os protagonistas? Por quem são escritas? Em um país com histórico escravagista como o Brasil, fazer esses questionamentos é de extrema importância para alcançarmos a educação e sociedade que almejamos, com uma educação diversa, democrática, sem preconceitos.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

O trabalho apresentado teve a intenção de analisar a percepção de leitores através de livros infantis em comentários publicados no site da Amazon. Como podemos observar, a leitura dos livros, segundo as pessoas que compraram, fez despertar nas crianças orgulho de sua identidade, orgulho de ser quem são. Foi demonstrado através dos dados estudados e levantados, que a literatura possui um papel de extrema relevância no combate ao racismo e é uma grande aliada aos educadores. Muitos adultos comentaram que gostariam de ter lido livros com esta temática na infância, sendo indicada por muitos destes.

Em um país como o Brasil, com herança escravagista, dar outro sentido à palavra negro é de extrema necessidade para a formação das crianças.

A forma como os negros são representados nas imagens, nos personagens, nas falas influencia muito a autoimagem que esse grupo terá e como os outros o vê. A escola é um dos primeiros lugares onde a criança passa a se entender negra e, infelizmente, a partir de referências negativas. Cabe aos professores e gestores aderirem a práticas que minimizem e exterminem o impacto do racismo nas crianças.

É importante ressaltar que os negros não tiveram nenhum controle de como seriam representados. Aos brancos coube esta tarefa. Nesse sentido, o negro durante muito tempo foi representado de forma estereotipada na literatura brasileira. Posto isso, a forma como a literatura negro-brasileira resgata a subjetividade, ancestralidade e cultura das crianças negras é fundamental para todas as crianças.

Por conseguinte, há uma necessidade de contar outras histórias além das que sempre foram contadas. O mercado editorial do país, em sua maioria, é composto por homens, brancos, héteros que sempre privilegiaram seu universo e retratavam os demais grupos de forma estereotipada. É preciso dar voz a novos sujeitos para que haja uma maior representatividade, não só no conteúdo dos livros, mas em quem escreve esses livros. Também é necessário compreender que, em um país como o nosso, com imensas desigualdades, a literatura não resolverá questões tão enraizadas como o racismo, mas é necessário aderir a práticas que minimizem os impactos nefastos do racismo.

O trabalho trouxe uma importante reflexão acerca da importância da literatura negro-brasileira nas séries iniciais através de comentários e análise de dados de pessoas que adquiriram os livros que abordavam essa temática. Todavia, compreendo que este não será o primeiro e último que trata da literatura na formação das crianças, mas espero que seja um suporte na luta antirracista dentro do espaço escolar e por uma educação mais humana.

BRASIL. **Lei n. 10.639/2003, de 09 de janeiro de 2003.** Altera a Lei 9.349 de 20 de dezembro de 1996. **Diário Oficial da União:** Brasília, 2003.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil.** São Paulo: Selo Negro, 2010.

CUTI. **Literatura negro-brasileira.** São Paulo: Selo Negro, 2010.

CUTI. **Quem tem medo da palavra negro.** Porto Alegre, RS: Revista Matriz, 2010.

DUARTE, Eduardo de Assis. **"Literatura afro-brasileira: um conceito em construção"**. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, n.º. 31. Brasília, janeiro-junho de, p. 11-23.

ELIAS, Norbet; SCOTSON, John L. **Os estabelecimentos e os Outsiders.** Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

FANON, Frantz. **Peles negras, máscaras brancas.** Tradução de Renato da Silveira. Salvador, Edufba, 2008.

FREIRE, Paulo. **A Educação na cidade.** São Paulo: Cortez, 1991.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança** – Um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: MEC. **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal 10639/03.** Brasília/DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005, p. 39-62.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação.** Rio de Janeiro: Ed PUC-Rio: Apicuri, 2016.

SANTOS, Neuza Souza. **Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro em ascensão social.** Rio de Janeiro: Graal, 1983.

LAIJOLLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo.** 6 ed. São Paulo: Ática, 2002.

MELO, Rejane Oliveira de. **"A literatura na perspectiva de uma educação para inter/multiculturalidade"**. Recife: Bagaço, 2017.

Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana,** 2004.

MUNANGA, Kabengele. **"Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia"**. Geledés, 2014. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-nocoes-de-raça-racismo-identidade-e-etnia.pdf>>. Acesso em; 16 de setembro de 2022.

MUNANGA, Kabengele. **"Por que ensinar a história da África e do negro no Brasil de hoje?"** Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 62, p. 20-31, 2015.

OLIVEIRA, Marcelo; SAMPAIO, Juliana; SILVA, Olívia. **"Entre e para além da literatura: um estudo da noção 'escrivência' de Conceição Evaristo"**. Nau Literária, vol. 17, n. 2, p. 166-194, 2021.

QUIJANO, Anibal. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. **Perspectivas latino-americanas.** Buenos Aires: CLACSO, 2005.

VEIGA, Cynthia Greive. "Promiscuidade de cores e classes": tensões decorrentes da presença de crianças negras na história da escola pública brasileira. In: FONSECA, Marcus Vinícius ; BARROS, Surya Aaronovich Pombo de (Orgs.) **A História da educação dos negros no Brasil.** Niterói: EdUFF, 2016.



